

Cinema, História e Educação

Elma Júlia Gonçalves de Carvalho*

Introdução

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo do cinema, TV e vídeo, a imagem acabou por se tornar um elemento central na vida dos homens, como também um importante veículo de difusão do conhecimento na sociedade atual.

Estas mudanças sociais e culturais criaram a necessidade da escola repensar a educação com base em novos valores e lançar mão de novas fontes e metodologias na transmissão do saber. Por isso, nos últimos anos, o audiovisual tem sido introduzido nas escolas tornando-se um recurso bastante importante no desenvolvimento das atividades de ensino/aprendizagem.

No entanto, também é possível perceber pela observação da prática educativa que os professores têm incorporado essa tecnologia sem que se aproveite ao máximo o seu potencial.

É preciso que se repense a educação no interior dos novos valores que estão surgindo, no sentido de transformá-la. *“E a educação, nesse sentido, adquire um outro papel fundamental: o de capacitar os alunos para a interação com esse novo mundo que possui na imagem o seu elemento articulador”* (Nóvoa, 1999).

Desta forma, consideramos necessária uma ampla discussão, com enfoque na formação continuada do professor, para que este recurso possa ser melhor explorado pedagogicamente.

O filme como recurso didático

Do ponto de vista didático, trata-se de lançar mão da imagem para a discussão de temas históricos, de utilizar o cinema como fonte para o conhecimento da história. Isto porque suas imagens são prenes de historicidade, convertendo-se, por sua função social, em testemunhos visuais de uma dada época e lugar. Como tais, permitem a compreensão de como os homens

*Mestre em Educação. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do Laboratório de Apoio Pedagógico, no qual é desenvolvido o Projeto Videoteca Pedagógica e os Seminários Cinema, História e Educação.

constróem a vida social, uma vez que estes expressam, e deixam registrados para a posteridade, práticas sociais, modos de pensar, valores, símbolos, sentimentos, comportamentos, tensões, expectativas, temores, próprios de uma determinada sociedade. Abrem, assim, novas perspectivas para que o homem conheça seu momento histórico, sua relação com outros homens, o como e o porquê os homens se educam, subsidiando a reconstrução histórica do objeto educação.

Deste modo, o vídeo pode se transformar em um importante recurso pedagógico, visto que a experiência audiovisual exerce uma função informativa alternativa, tornando a realidade mais próxima à medida que permite exemplificar conceitos abstratos, ampliar concepções e pontos de vistas, simplificar a compreensão da realidade e estimular a reflexão sobre fatos/acontecimentos a partir do contato com imagens.

Mas, o que se entende por educação audiovisual? O que envolve a plena integração do audiovisual ao ensino? Segundo Jean Ferrés: (FERRÉS, 1996:145)

Uma educação audiovisual coerente e integral deve abranger as duas dimensões: a pedagogia da imagem e a pedagogia com imagem, ou seja, o audiovisual como objeto ou matéria de estudo e o audiovisual como recurso de ensino. A pedagogia da imagem (integrar na escola o audiovisual como matéria ou objeto de estudo) representa educar os alunos para aproximação crítica aos meios audiovisuais: a televisão, o cinema, a publicidade (...)

O autor ainda ressalta que na

sociedade atual não se pode falar de uma educação integral se os alunos ainda não alcançaram uma determinada capacidade para a análise crítica das mensagens emitidas por intermédio desses meios. Em uma sociedade na qual a comunicação audiovisual é hegemônica, pode-se afirmar que que uma escola que não educa criticamente para a televisão é uma escola que não educa.(Id.Ibid)

Desenvolver um olhar crítico, do nosso ponto de vista, significa estudar o cinema em sua relação com a história e não apenas em seus aspectos estéticos e lingüísticos. Significa utilizar-se da arte cinematográfica como fonte para recuperar a história no entendimento das relações sociais, dos comportamentos humanos e do fenômeno educativo. Isto porque a arte, principalmente o cinema, possui uma natureza figurativa na qual o artista capta a ação da história na vida particular dos indivíduos. Nela são apresentados os sentimentos, as paixões, os

interesses, os sofrimentos e as alegrias que permeiam as lutas sociais. A arte trabalha com o aspecto sensível, figura/imagem revelando algo que está para além do fenômeno, que tem representação para toda a humanidade.

No entanto, a efetivação de um trabalho de qualidade através da utilização do vídeo exige do professor competência teórica. Conhecer os acontecimentos históricos, os embates/conflitos e as contradições sociais, bem como as formas encontradas pelos homens para enfrentá-los ou mesmo superá-los, é uma condição fundamental para o desenvolvimento de uma ação educacional mais coerente e consistente.

O filme como documento histórico

É preciso enfatizar que toda ação educativa que se fundamenta na inserção do filme como fonte exige a realização de um trabalho de análise, para o qual é necessário considerar alguns aspectos essenciais. Dentre eles podemos destacar que, ao utilizar o filme como fonte documental, é preciso dissecar os significados “ocultos” porém presentes na película. Ou seja, para além da representação dos elementos audiovisuais, a película revela a realidade de uma sociedade em um dado momento histórico e como no interior desta os homens vivem, pensam, sentem e se relacionam. O método de investigação consiste, portanto, em buscar os elementos da realidade através da ficção. O interesse não é abordar esta fonte imagética como uma obra de arte cujos significados não se resumem apenas aos aspectos cinematográficos e sim como uma produção humana datada de historicidade.

Assim, os filmes só têm significado quando relacionados a uma prática social de uma dada época. Isto porque nenhuma produção cinematográfica está livre dos condicionamentos sociais de sua época. A imagem é histórica, na medida em que ela é produto do seu tempo e carrega consigo, mesmo que de forma inconsciente para quem a produziu, os sentimentos, as paixões, os interesses, os sofrimentos, os conflitos que permeiam as lutas sociais, revelando algo que está para além do fenômeno, que tem representação para toda a humanidade. Isso nos permite afirmar que todo filme é passível de ser utilizado enquanto documento da história.

Ancorados nessa concepção da história consideramos que o valor documental de um filme está não apenas no olhar daquele que o produz, mas também naquele que o interpreta, um filme diz tanto quanto for analisado e questionado e isso exige competência teórica, não só em uma área de conhecimento específico, mas também em relacionar esse conhecimento com as questões sociais mais amplas. A primeira questão a ser enfrentada por aqueles que trabalham com fontes filmicas relaciona-se com a natureza das fontes

Artigo publicado na Revista Teoria e Prática da Educação – Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, Vol. 3, nº 5, Set/1998, p. 121-131, (ISSN – 1415-837X).

utilizadas, visto que se está lidando com um “*tipo específico de registro humano que precisa ser decodificado e interpretado.*” (NOMA, 1998:21)

Isto significa dizer que

sua leitura não se dá de forma imediata porque a imagem cinematográfica é uma construção, é representação do real feita com a utilização de uma série de recursos e elementos próprios do cinema através da manipulação de equipamentos, instrumentos, artifícios e técnicas para produzir cenários, iluminação, sons, fotografia. Representação que opera com símbolos, idéias, valores e sentimentos. (Id.Ibid)

Portanto, a leitura de um filme é um processo onde intervêm mediações que estão presentes tanto na esfera do olhar que produz a imagem, quanto na do olhar que a recebe. (XAVIER, 1988:369.)

Para interpretarmos o filme na esfera do olhar de quem o produz é necessário fazermos algumas perguntas, tais como: por que o diretor e o produtor envolveram-se com o tema? Para que questão eles buscam chamar a atenção? Qual o enfoque dado à questão? Também é necessário captar a estruturação do filme e a perspectiva de abordagem de quem o produziu. Qual a intenção na produção do filme? Para NOVA (1999), isto diz respeito aos elementos conscientes e inconscientes no filme. Ou seja,

deve-se buscar, no seu conteúdo, tudo aquilo que se coloca de forma explícita, seja nos diálogos, na indumentária, nos gestos, no enredo e no seu sentido mais geral, ou seja, extrair dele o que é dito de forma direta. Posteriormente, deve-se passar para a análise do que, no filme, esta presente de forma implícita, isto é, todo o conteúdo existente em suas entrelinhas, tudo aquilo que os produtores queriam que chegasse ao espectador, mas não o fizeram por algum motivo particular, direta e claramente.

Ou ainda:

tudo que existe na película que escapou à atenção ou ultrapassou as intenções de quem a produziu (...) (Id.Ibid)

Na esfera do olhar de quem recebe a imagem, é preciso tomar o cuidado de não separar as obras das condições históricas em que foram produzidas. A justificativa é a de que

Artigo publicado na Revista Teoria e Prática da Educação – Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, Vol. 3, nº 5, Set/1998, p. 121-131, (ISSN – 1415-837X).

as representações elaboradas pelos filmes só têm significado quando ligadas a uma prática social, não só porque são produzidas socialmente, mas porque sua existência só pode ser concebida dentro das relações sociais de uma dada época. Isto porque existe um terreno comum para a fertilidade das produções filmicas: a experiência social comum de viver, de lutar, de sentir, de pensar, própria de uma sociedade. (NOMA,1998:22).

Para os filmes que retratam o passado, é preciso fazer uma leitura à luz do período em que ele foi produzido, como também das questões contemporâneas que estão presentes na sua representação. Um filme de época pode ser analisado tanto sob os aspectos que dizem respeito à época em que ele foi produzido, como também sob os aspectos concernentes ao presente, sob os quais se quer chamar à atenção, utilizando-se do passado. Ele pode, assim, transformar-se num instrumento de leitura de nossa própria época. Segundo NOVA (1999):

É esse potencial que pode e deve ser aproveitado pelo professor e por qualquer um que deseje refletir sobre a história, sem que, contudo, se perca a dialética entre o passado e o presente, ponto chave para a análise e o entendimento de qualquer “filme histórico.

Também é importante levar em conta, no momento de análise de um filme, que sua leitura é algo datado historicamente, o que significa dizer “*que cada época interpreta, à sua maneira (e imagem), as produções culturais de outras épocas.*” (NOMA, 1998:22) porque as imagens são “*suscetíveis de diferentes leituras em distintas temporalidades e ângulos de percepção*” (Id. Ibid:23). É preciso explicitar, portanto, sobre quais parâmetros a leitura da imagem ocorre. Neste caso, “*a ênfase está nas perguntas que o pesquisador faz, na maneira dele se relacionar com as suas fontes, em função de sua própria necessidade e interesse.*” (Id.Ibid:22) Ter consciência desse mecanismo é fundamental para o processo analítico.

Para o uso da linguagem cinematográfica como recurso didático é primordial, entretanto, que o educador saiba que está lidando com uma forma de fonte/registo/linguagem muito diferente da escrita - aquela em que, tradicionalmente, são formados e, que, muitas vezes, é a única usada em seu ofício-, cujos elementos e características precisa conhecer. “*Analisar as imagens desconhecendo as suas características seria equivalente ao trabalho de um alfabeto analisando sintaticamente um texto escrito.*” É preciso que os educadores sejam “alfabetizados” imagetivamente para poderem fazer a leitura

das imagens aproveitando ao máximo o seu potencial. Evidentemente, não se trata de analisar somente o conteúdo narrativo apresentado pelos filmes, nem tampouco de tornar-se um esteta ou semiólogo.

Na linguagem audio-imagética, a relação forma-conteúdo é de ordem muito complexa e nenhum dos dois elementos deveria ser tratado isoladamente. As imagens, em especial as em movimento, assim como a própria história, devem ser tratadas como elementos vivos na construção do conhecimento, em toda sua plenitude, plurisignificação e contradição. (NOVA,1999)

A experiência

Diante desta preocupação é que teve origem o Seminário *Cinema, História e Educação*. Tratava-se de uma proposta que almejava contribuir para ampliar o universo de análise dos educadores, através do uso da linguagem cinematográfica como documento, e buscar subsídios teórico-metodológicos para fundamentar formas de trabalho didático que superassem a utilização de recursos audio-visuais como simples material ilustrativo ou instrumental e que orientassem e estimulassem a capacidade de análise dos estudantes.

Propusemos, nestes seminários, uma série de discussões que permitissem aos participantes, mediante o debate dos filmes, uma discussão teórica, que lhes possibilitassem conhecer o homem no seu momento histórico, na sua relação com os outros homens e como esta relação se manifesta na educação.

Para o desenvolvimento de nossa experiência, fizemos contato com diversos professores que costumam utilizar os filmes em sala de aula¹. Organizamos, com base nos elementos por eles fornecidos, os seminários, promovidos pelo LAP/DTP, cuja realização deu-se entre 07/08/99 e 16/10/99 e que envolveram alunos da graduação, da pós-graduação e profissionais da educação vinculados a diferentes áreas do conhecimento. Procuramos organizar um programa com diferentes temáticas selecionando um filme para cada tema. A programação foi a seguinte:

- 1) Cinema, história e educação. Filme: Uma cidade sem passado. Palestrante: Amélia Kimiko Noma.

¹ Já haviam sido realizadas anteriormente algumas experiências semelhantes, como é o caso do Seminários *Arte, História e Educação*, sob a coordenação da Professora Dr^a Silvina Rosa, DFE/Mestrado em Educação, realizados no período de 1994 a 1998.

Artigo publicado na Revista Teoria e Prática da Educação – Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, Vol. 3, nº 5, Set/1998, p. 121-131, (ISSN – 1415-837X).

- 2) O processo de transição e os comportamentos sociais. Filme: Ligações Perigosas. Palestrantes: Carmem Lizia Nagel Paiva, Neide de Almeida Lança Galvão Favaro e Gesilaine Mucio Ferreira.
- 3) O processo de transição e os comportamentos sociais. Filme: Pélle: O Conquistador. Palestrantes: Carmem Lizia Nagel Paiva, Neide de Almeida Lança Galvão Favaro e Gesilaine Mucio Ferreira.
- 4) As soluções individuais para os problemas coletivos. Filme: Ratos e Homens. Palestrante: Marta Chaves.
- 5) A adequação dos indivíduos às transformações sociais. Filme: Com o Dinheiro dos Outros. Palestrante: Silvina Rosa.
- 6) A luta do indivíduo pela sobrevivência. Filme: Ou Tudo, Ou Nada. Palestrante: Silvina Rosa.
- 7) Crise da sociedade, crise da educação. Filme: A escola da desordem. Marta Silene Ferreira Barros e Tereza Kazuko Teruya.
- 8) A construção do sujeito a partir do social. Filme: O Enigma de Kaspar Houser. Filme: Silvana Calvo Tuleski Ferri.
- 9) A construção do sujeito a partir do social. Filme: Central do Brasil. Palestrantes: Tânia dos Santos Alvarez e Janira Siqueira Camargo.
- 10) Psicologia e Educação. Filme: D Juan de Marco. Palestrantes: Eliane Rose Maio Braga e Aldevino Ribeiro da Silva.
- 11) Psicologia e Educação. Filme: Melhor Impossível. Palestrante: Eliane Rose Maio Braga

Para a realização dos seminários foram sugeridas algumas etapas a serem seguidas a fim de construir um modelo geral para orientar o trabalho com as fontes imagéticas²

1. Organização do trabalho:

- *Seleção dos filmes e estabelecimento de conexão entre seu conteúdo e a temática/problemática a serem abordadas.*
- *Pesquisa dos processos e fatos históricos concernentes aos períodos abordados pelos filmes, assim como à época e lugar que foram produzidos.*
- *Pesquisa de bibliografias e idéias dos realizadores dos filmes e as condições de produção.*
- *Organização das exibições e debates dos filmes.*

² Roteiro elaborado para o Seminário *Cinema, História e Educação*, pela professora Amélia Kimiko Noma, professora do DFE/UEM, participante do Projeto Videoteca Pedagógica LAP/ DTP.

- *Sistematização e registro dos conteúdos das discussões, do processo pedagógico envolvido na forma de material escrito.*
- *Indicações bibliográficas para leituras complementares.*
- *Análise crítica do conteúdo das películas, tratando-as como fontes documentais: elaboração de questões, levantamento de problemáticas, reflexões acerca das temáticas abordadas pelos filmes e sua relação com o processo real.*
- *Elaboração de roteiro para a análise fílmica, entregue a cada um dos participantes antes da exibição de cada filme, para posteriormente servir de referencial para as discussões. Na elaboração desses roteiros foram levados em conta os seguintes aspectos:*

2. Identificação do filme

Ficha técnica – título, diretor, produtor, roteiro, fotografia, música, lenço, nacionalidade, duração

Gênero – cinematográfico

Identificação do diretor – bibliografia, filmadora, tendências e posicionamentos dos realizadores, condições de produção do filme, etc.

- *Sinopses*
- *Temáticas*
- *Bibliografias e filmes relacionados à temática*
- *Disciplinas que poderão utilizar o filme*
- *Questões para discussão*

3. Organização de exibições e debates sobre o filmes considerando os seguintes aspectos:

Leitura do ponto de vista de quem produz a imagem.

1) *Leitura narrativa* – o argumento, o tipo de estrutura narrativa (as seqüências), caracterização dos personagens (individuais e coletivos), das funções que estes cumprem dos valores que representam, caracterização dos cenários/ambientes, tratamento do espaço e do tempo.

2) *Leitura formal* – o tratamento da linguagem cinematográfica desde o ponto de vista do estilo, do gênero, recursos formais e técnicos utilizados (os elementos visuais representados), trilha sonora, iluminação e fotografia.

3) *Leitura temática* – descobrir o tema entendido como intenção última dos autores (diretor), assim como a significação global da obra visto que os sentidos são produzidos não de forma isolada, mas como uma espécie de pensamento que se concretiza na duração de suas imagens.

Leitura do ponto de vista de quem interpreta a imagem.

1) Definir os parâmetros a serem utilizados na análise do filme: quais perguntas são feitas, maneira de fazer a leitura da imagem fílmica, que são definidas em função da necessidade, dos objetivos e da abordagem daquele que interpreta o filme (o educador).

2) Contextualizar historicamente o filme: pesquisar os processos e os fatos históricos concernentes ao período abordados pelo filme, assim como época e lugar em que eles foram produzidos. Dirigir a análise da época para o filme e do filme para a época, procurando tratar as imagens como expressão das situações vividas em determinado tempo e lugar.

3) Fazer leitura da fonte fílmica buscando aprender sua significação global cujas imagens e movimentos expressam símbolos, idéias, valores e sentimentos (cujos significados não se resumem apenas aos cinematográficos), estabelecendo a conexão entre seu conteúdo e a problemática de análise levantada em função dos objetivos do educador.

4) Analisar os filmes procurando compreender em que medida os conhecimentos de seus respectivos tempos, que estão registrados nas suas imagens, podendo auxiliar a entender a época do pesquisador/educador. Trata-se de fazer uma viagem no tempo-espaco com o objetivo de desvendar, partindo da vida social de outra época, a de seu próprio tempo.

Considerações Finais

Considerando que o audiovisual é um potencial que precisa ser aproveitado pelo professor para refletir sobre a história, sobre a sociedade, sobre os comportamentos humanos e as formas dos homens educarem-se, procuramos contribuir para o debate destas questões consideradas tão importantes na formação do profissional da educação, buscando oferecer-lhes elementos para a construção de uma prática educativa mais profícua e agradável.

Estudar as novas teorias de comunicação, refletir sobre a função da educação, pensar a relação cinema/história/educação e fornecer elementos para a exploração da fonte imagética são passos indispensáveis deste trabalho que pretendemos expandir.

Contudo, somos plenamente conscientes de que enfrentamos uma experiência nova, que ainda necessita de reavaliações e aperfeiçoamentos.

Artigo publicado na Revista Teoria e Prática da Educação – Revista do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, Vol. 3, nº 5, Set/1998, p. 121-131, (ISSN – 1415-837X).

Bibliografia

- FERRÉS, Jean. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- NOMA, Amélia Kimiko. **Visualidades da vida urbana: Metrópolis e Blade Runner**. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, Tese de Doutorado em História Social, 1998.
- _____. **Roteiro para a análise fílmica**. Seminário Cinema, História e Educação, 1999, mimeo.
- NOVA, Cristine. **Novas Lentes para a história**. Bahia, Universidade Federal da Bahia, Dissertação de Mestrado, 1999. Disponível via www. URL: http://ufba.br/~crisnova/novas_lentes.html.
- _____. Imagem e história. [online] www. URL: http://ufba.br/~crisnova/novas_lentes.html. Arquivo capturado em 29/04/99.
- NÓVOA, Jorge. A imagem e o ensino de história. Núcleo de Pesquisa e Produção de Vídeos Históricos. Departamento e Mestrado em História/UFBA. <http://www.ufba.br/~Resvistao>, Arquivo capturado em 29/04/99.
- ROSA, Silvina. História da Educação e Necessidades Históricas. **Segundo Encontro Nacional la Universidade como Objeto de Investigación**. Buenos Aires, novembro de 1997, mimeo.
- _____. Educação e literatura: incursões pela educação informal. Texto apresentado no **Congresso Internacional de Educación – Educación, Crisis y Utopias**, Buenos Aires, Junho de 1996, mimeo.
- XAVIER, Ismail. Cinema: revelação e engano. In: NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.